

AS NOÇÕES DE PESSOA E COMUNIDADE EM FILOSOFIAS AFRO-BRASILEIRAS EM PROL DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRADORA

Stella Samires da Silva Albuquerque ¹

Cristiane Agnes Stolet Correia ²

RESUMO

O Brasil é um país que possui uma rica herança africana, vista em músicas, danças, comidas e religiões, porém esta herança muitas vezes é apagada, desvalorizada ou discriminada, permanecendo às margens da sociedade. Esse racismo assimilado ainda presente em costumes culturais brasileiros (como determinadas expressões coloquiais, por exemplo) e em determinados padrões de comportamento hoje, surgido historicamente com as diásporas forçadas de pessoas escravizadas oriundas da África, precisa ser enfrentado e desconstruído urgentemente. As leis 10.639/03 e 11.645/08, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afrobrasileira e indígena na educação básica, legalizando sua entrada nos currículos escolares, perfaz-se como um marco fundamental nesse processo, ainda que se saiba que a existência legal de algo não é garantia de sua existência na realidade concreta, há um longo caminho a ser percorrido até que a lei efetivamente se cumpra e contribua para uma reparação histórica necessária. A presente pesquisa se propõe a pensar, sob uma perspectiva filosófica, esta herança africana através de alguns aspectos das religiões afro-brasileiras, repensando como podem apontar novas relações que trazem consigo o fortalecimento de uma educação integradora. Tendo como metodologia a revisão bibliográfica, As noções de pessoa e comunidade em filosofias afro-brasileiras em prol de uma educação integradora propõe introduzir uma noção de filosofia afro-brasileira a partir de Portugal e Carvalho (2014), tendo como aportes principais as contribuições de Parizi (2020) e Nascimento (2016). A noção de pessoa será revista a partir de décadas de pesquisa de Parizi reunida em sua obra O livro dos orixás: África e Brasil em diálogo com o conceito de comunidade, também apresentado por Nascimento. Nossa defesa é que essa percepção afrobrasileira de pessoa e comunidade tem muito a contribuir para uma educação integradora.

Palavras – chaves: PESSOA, COMUNIDADE, FILOSOFIAS AFRO - BRASILEIRAS, EDUCAÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, stella.albuquerque@aluno.uepb.edu.br;

² Professora orientadora: Doutora, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, cristianeagnes@servidor.uepb.edu.br.

Projeto de iniciação científica: *Candomblés, Juremas e Umbandas: Um Brasil negligenciado - As culturas de matriz aborígene e africana como mote para uma nova perspectiva educacional*

Subprojeto: *Matrizes afro-indígenas nas religiões brasileiras e suas implicações para a Educação*

Financiamento: FAPESQ - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba



INTRODUÇÃO

É inegável que o Brasil carrega uma herança africana abundante, expressa em músicas, comidas, costumes e danças. Essa presença, contudo, está marcada por um longo e doloroso processo histórico de escravidão. Mesmo após a abolição e apesar das inúmeras lutas travadas ao longo do tempo por melhores condições de vida e pela diminuição das opressões, o país ainda vivencia o apagamento dessa herança, efeito direto do racismo historicamente assimilado em nossa sociedade. Contudo, a luta para que estas vozes sejam ouvidas persiste até a atualidade, o que, dentro da educação, nos trouxe as leis 10.639/03 e 11.645/08, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica, legalizando sua entrada nos currículos escolares. Porém, embora esse reconhecimento tenha sido uma vitória, ainda existe uma grande distância entre a legislação e a prática. Na realidade, dificilmente encontramos dentro das escolas ensinamentos sobre questões afro e indígenas que vão além do que está inserido no processo de colonização no Brasil, mesmo que a educação seja uma das mais importantes bases para se combater o apagamento das heranças afro-brasileiras e indígenas em nossa sociedade.

Desse modo, diante da necessidade de reflexões críticas que permitam visualizar como uma educação voltada às questões afro pode ir muito além da colonização, o presente trabalho propõe uma leitura filosófica sobre a herança africana a partir das religiões afro-brasileiras. A pesquisa possui caráter bibliográfico e analítico, fundamentando-se na leitura e interpretação crítica de autores que discutem a filosofia da religião e o pensamento afro-brasileiro. Nesse sentido, seguimos Portugal e Carvalho (2014), que definem a filosofia da religião como uma análise crítica dos fundamentos das tradições religiosas, interessada em compreender conceitos, possibilidades e limites, sem a intenção de defender uma crença ou ensinar uma fé específica.

A partir dessa perspectiva, voltamo-nos ao Candomblé, trazendo, com base em Nascimento (2016), uma reflexão sobre a noção de comunidade presente nessa tradição e suas possíveis relações com a educação. Assim, ao articularmos a concepção filosófica de Portugal e Carvalho (2014), a ideia de comunidade em Nascimento (2016) e a noção de pessoa em Parizi (2020), buscamos demonstrar como o olhar afro-brasileiro pode contribuir para uma educação integradora, utilizando também o livro *A Pedagogia das*



Encruzilhadas de Luiz Rufino, para destacar este caminho educador que desejamos trazer para esta pesquisa. Desse modo, temos como objetivo analisar, a partir desses autores, como as concepções afro-brasileiras podem contribuir para a construção de uma educação não apenas integradora, mas também descolonizada.

Assim, este estudo evidencia que o pensamento afro-brasileiro, mais do que uma herança cultural, constitui uma fonte de saberes e práticas capazes de abrir novos caminhos para a transformação da educação contemporânea.

METODOLOGIA

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, bibliográfico e analítico, tendo como fundamento a leitura e interpretação crítica de obras teóricas que abordam a relação entre herança africana, filosofia da religião e educação. Foi realizado o estudo através da análise de obras de Portugal e Carvalho (2014), Nascimento (2016), Parizi (2020) e Rufino (2019), autores que nos ajudaram a compreender como concepções afro-brasileiras dialogam e nos conduzem a uma educação integradora e descolonizada.

Com isto, ao longo deste trabalho, realizamos uma leitura interpretativa e comparativa da noção de filosofia da religião de Portugal e Carvalho (2014), da noção de comunidade dentro do Candomblé em Nascimento (2016) e da noção de pessoa em Parizi (2020), enquanto as relacionamos com reflexões trazidas da Pedagogia das Encruzilhadas, de Rufino, sendo tudo isso o meio de demonstrar como a nossa herança africana pode contribuir imensamente para a educação no Brasil. Desse modo, este artigo é inteiramente de natureza teórica e se baseou somente em dados bibliográficos devidamente referenciados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Seguindo adiante com esta pesquisa, nesta seção buscaremos apresentar as principais contribuições filosóficas que fundamentam a análise da herança africana a partir do Candomblé, utilizadas ao longo deste trabalho. Assim, iremos partir das definições de religião em Portugal e Carvalho (2014), da compreensão de comunidade em Nascimento (2016) e da noção de pessoa em Parizi (2020), estabelecendo um diálogo entre filosofia, religião e educação.



Com isto, começamos desde o início com nosso principal foco, o Candomblé, que escolhemos para realizar este estudo, ainda que haja diversos e variados tipos de religiões afro-brasileiras, como, por exemplo, a Umbanda. Porém, preferimos neste trabalho nos centrar no Candomblé, mesmo que neste também não nos especifiquemos sobre um estilo único dessa religião, mas em um contexto geral, pois devemos considerar como a diáspora do povo africano ocorrida no Brasil faz com que as religiões afro-brasileiras sejam múltiplas e diversas, mesmo dentro daquelas que recebem o mesmo nome. Como destacado por Nascimento (2016), utilizar o termo “candomblé” no singular é incorreto, pois, historicamente, os candomblés nasceram no Brasil da articulação de crenças originadas de diferentes regiões do continente africano, sendo, desse modo, comum o uso da expressão “a nação do candomblé”.

Com isto determinado, vem-nos a questão de como fazer uma filosofia da religião com o Candomblé. Primeiro, pensamos em como este se conecta com o conceito de religião. Uma definição que podemos usar, que melhor se encaixa no Candomblé como religião, seria a de Portugal e Carvalho (2014), que afirma o seguinte:

Religião, então, seria essa busca por um tipo de valor e realidade últimos, que organiza a vida como resposta às experiências humanas de incerteza e ambigüidade do mundo, variando em forma, completude e clareza de cultura para cultura. Essa busca e tentativa de organizar a vida se dão em geral por meio de alguns elementos que variam histórica e culturalmente: o apego à tradição, os mitos, a busca por uma salvação/libertação, os lugares, objetos e tempos sagrados, os ritos, os meios de apresentação da revelação sagrada, uma comunidade sagrada mais ou menos “profissional”, e uma alegada experiência mística, com diferentes graus de intensidade e exclusividade. (PORTUGAL E CARVALHO, 2014)

Se considerarmos os elementos que Portugal e Carvalho (2014) destacam como constitutivos da religião, mito, rito, tempos e espaços sagrados, comunidade, experiência, entre outros, percebemos que muitos desses aspectos aparecem de modo vivo nas descrições feitas por Parizi (2020) em *O Livro dos Orixás: África e Brasil*. Logo no início de sua obra, o autor ressalta a centralidade dos mitos e dos rituais nas religiões de matriz africana, como o Candomblé, evidenciando como esses elementos estruturam a vida dos praticantes, orientam valores e transmitem lições fundamentais para a experiência religiosa cotidiana.

Como já discutido anteriormente, as religiões afro-brasileiras, mesmo quando compartilham a mesma nomenclatura, apresentam diferenças internas, seja em razão das diversas origens da diáspora africana no Brasil, seja pelo sincretismo que se estabeleceu



historicamente. Essa multiplicidade, contudo, não anula sua unidade enquanto experiência de fé, mas antes reforça a riqueza de suas formas.

A partir disso, podemos afirmar positivamente o Candomblé como religião e, seguindo a perspectiva de Portugal e Carvalho (2014), começar a indagar de que modo se pode desenvolver uma filosofia da religião a partir dele. Segundo Portugal e Carvalho (2014), a filosofia é uma área que deve atuar como um campo de inter-relação, onde irá construir conceitos de relação para o diálogo entre os saberes. Então, se colocarmos aqui a religião, existe dentro dela uma ligação entre dois mundos, pois não há religião de fato sem essa ligação. Ao apontar essas ideias, Portugal e Carvalho (2014) pensam em uma filosofia da religião ligada aos conceitos de simultaneidade e comunicação, relacionando isso ao Candomblé a partir da seguinte citação:

Num livro sobre Escher encontramos a seguinte afirmação: “Vermos dois mundos diferentes num único lugar e ao mesmo tempo, suscita uma sensação de feitiço”. Ora, não será isso a experiência radical do candomblé? Dois mundos em um mesmo lugar, tempo e pessoa? Não será isso o feitiço? A experiência radical do sagrado no candomblé é a simultaneidade dos mundos. (PORTUGAL E CARVALHO, 2014)

Esta forma de fazer filosofia da religião acaba se adequando ao pensarmos em questões de comunidade humana no sentido moderno, utilizando o Candomblé, pois, ao falarmos de comunidade, a existência de simultaneidade também é algo a ser percebido, visto que dentro desta convivemos entre o individual e o coletivo, no qual o convívio traz diferentes visões de mundo que se encontram. Assim, podemos utilizar o conceito de simultaneidade para pensar a comunidade nessa questão de diferentes mundos de sentido (indivíduo/coletivo, tradição/modernidade, fé/razão) que se encontram sem se anular.

Para nos aprofundarmos nisso, trazemos o pensamento de Nascimento (2016), que propõe realizar uma filosofia em que se destaque a conexão entre Brasil e África, mostrando o resgate e a reconstrução que os candomblés fazem dos valores, crenças e práticas advindas do continente africano para o solo brasileiro como meio de resistência ao racismo. Isso nos direciona a diferentes aspectos dentro do Candomblé que nos trazem importantes ensinamentos, mas também nos conectam com uma ressignificação de comunidade e, ao mesmo tempo, com uma nova perspectiva de vida: a noção de pessoa de Parizi (2020), que dentro da educação estabelece um caminho para uma educação integradora.

Assim, para iniciarmos este processo, começamos trazendo aspectos importantes dentro do Candomblé destacados por Nascimento (2016). Um deles é como os dois mundos, o invisível e o visível, o Orum e o Aiyê, não são dois mundos distintos, mas duas partes de



um mesmo mundo. Com isso, os praticantes de Candomblé não convivem com uma separação desses mundos, mas com uma interligação a partir de seus vínculos com orixás, voduns e inquices, que não são divindades separadas, mas parte da comunidade que, assim como todos, têm suas funções a desempenhar. Essa não separação dos dois mundos também traz uma visão não binária dentro do Candomblé, onde não existe uma distinção entre sagrado e profano, tudo é sagrado dentro desta religião. Desse modo, o corpo não é um simples território do sagrado, sendo muito mais do que isso, pois é nele que tudo se manifesta.

Em continuação, outro ponto que podemos destacar é como, nas tradições dentro do Candomblé, a mudança não é vista como algo negativo; muito pelo contrário, a transformação é uma das maiores de suas certezas: tudo está em constante movimento e o ser humano necessita criar estratégias para lidar com esta dinâmica da realidade. Com o que foi trazido anteriormente, juntamente a isso, dentro do Candomblé não existe noção de pecado, os erros fazem parte do aprendizado dos seres humanos e, assim, orixás, inquices e voduns nunca se desligaram da humanidade, não havendo necessidade de resgatar uma ligação perdida por alguma falha humana. Porém, ainda se tem dentro desta religião um critério ético rígido: as ações desejáveis de seus praticantes são aquelas que potencializam e mantêm a comunidade e a natureza, enquanto as ações indesejáveis são as que comprometem ou fragilizam a comunidade e a natureza.

A partir de todos esses elementos trazidos aqui nesta seção, como já pode ser visto, é possível começar a fazer o entrelace entre a comunidade do Candomblé, a noção de pessoa de Parizi e a educação, seguindo com o relacionamento que pode haver entre esses elementos do Candomblé trazidos por Nascimento (2016) com o que diz a noção de pessoa de Parizi, para que possamos ver indícios da ideia de como seria uma educação integradora e descolonizada. Com isso, vamos à próxima seção deste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção discutiremos as aproximações possíveis entre os conceitos apresentados anteriormente e o campo da educação, analisando de que modo as concepções afro-brasileiras de pessoa e comunidade podem contribuir para uma formação integradora e descolonizada.

Desta forma, iniciamos a discussão demonstrando como os aspectos trazidos por Nascimento (2016), que formam a comunidade do Candomblé, conversam com a noção



de pessoa que Parizi (2020) apresenta, podendo-se dizer que é uma visão de que o ser humano não nasce completo, mas se forma a partir de suas vivências sociais, culturais, políticas, históricas, entre outras. Como destacado no fragmento abaixo:

Esse “ser humano total” incluiria viver, entender e aperfeiçoar o próprio corpo, a própria mente, e também as dimensões morais, éticas, sociais, políticas e espirituais: o mundo material, a família, a sociedade, as estruturas sociais, econômicas e políticas, o Universo como um todo, inclusive os possíveis universos paralelos, as Potências, ou seja, a pessoa humana como um nó da rede da totalidade absoluta, que o inclui e que o transcende absolutamente, totalidade que influi em cada respiração ou movimento de cada ser humano, mas que também é afetada por cada uma dessas respirações ou movimentos humanos. Portanto, a pessoa humana não é dada a priori, mas é algo que se constrói a si mesmo, partindo da percepção de si, incluindo os outros ao seu redor e sua inserção social, até a percepção de seu lugar na vasta teia do Universo; a pessoa se faz na longa travessia que é a aventura humana. (PARIZI, 2020, p. 56)

Em resumo, podemos perceber que a noção de comunidade no Candomblé, fundada na interligação entre mundos, pessoas e natureza, encontra ressonância na concepção de pessoa em Parizi (2020): o ser humano não é dado de antemão, mas se constitui em uma rede de relações que integra corpo, sociedade, espiritualidade e universo. Isso contrasta com a perspectiva que a indústria capitalista traz tanto de comunidade quanto de pessoa sendo a comunidade uma mera soma de interesses e a pessoa apenas um indivíduo isolado. Já na relação entre o Candomblé e a noção de pessoa de Parizi (2020), pessoa e comunidade só existem em relação: o humano se constrói em rede, e a comunidade é espaço de simultaneidade entre mundos, vivências e valores.

Se pensarmos a educação a partir disso, podemos destacar que ela não se reduz apenas a conteúdos. Ao se adentrar em um ambiente educacional, o estudante está inserido em uma nova comunidade, a escolar, e faz parte do processo de construção de si mesmo. Tendo a noção de comunidade do Candomblé e a noção de pessoa de Parizi (2020) como base, podemos dizer que a educação é também reconhecer que o sujeito se constrói em diálogo, trocando experiências, resignificando tradições e abrindo-se para novas possibilidades. Nesta visão, podemos perceber uma educação que abraça de forma mais completa a diversidade do ser humano, pois está sendo ensinado ao ouvir o que o outro tem a dizer e ao aprender com o que esse outro traz, sem um modelo pré-formado de como o indivíduo deve vir a ser.

Seguindo essa reflexão, percebemos como o constante movimento faz parte da educação, sendo um ponto crucial dela. Deste modo, podemos relacionar isso com a discussão trazida no livro *Pedagogia das Encruzilhadas*, de Luiz Ruffino, a qual se baseia no orixá Exu e nos traz a ideia de como o conhecimento se desenvolve a partir de



encontros, passagens e trocas entre diferentes mundos. Assim, o conhecimento é um grande diálogo entre saberes, sem se fixar em uma verdade absoluta.

Portanto, podemos afirmar que a educação se baseia na transformação, na própria reinvenção do ser humano, sendo necessário que também cause dúvidas e inquietações que levem à reflexão sobre si mesmo. E, desse modo, como no Candomblé, onde não há separação entre o visível e o invisível, o espaço educativo se torna um território de atravessamentos, em que estudante e educador aprendem um com o outro e se constroem juntos. Nessa perspectiva, o erro, a dúvida e o desvio não significam falhas, mas momentos de criação e de transformação, sendo partes do próprio processo de aprender.

Deste modo, quando aproximamos a noção de comunidade formada a partir da filosofia do Candomblé, a noção de pessoa de Parizi e as ideias trazidas pela *Pedagogia das Encruzilhadas* de Luiz Ruffino, notamos uma semelhança: em todas, a existência é pensada como uma relação seja entre mundos, pessoas ou saberes. Assim, se enxergamos a educação sob essa lente, notamos que ela não é uma questão de uniformizar, mas de integrar, acolhendo o diverso como parte da construção do comum em um mundo que ainda tende a rejeitá-lo. E é nesse sentido que a educação faz a diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado em tudo o que discutimos ao longo deste trabalho, esta pesquisa demonstrou a possibilidade de compreender como a nossa herança africana pode oferecer contribuições significativas para repensar o papel da educação em nossa sociedade. A partir das concepções de Portugal e Carvalho (2014), Nascimento (2016) e Parizi (2020), podemos identificar como os elementos de matriz africana, pensados através da filosofia da religião, podem nos conduzir a uma prática educativa integradora e descolonizada.

Como vimos em Nascimento (2016), a noção de comunidade do Candomblé e a noção de pessoa trazida por Parizi (2020) nos fornecem um entendimento sobre como tanto o ser humano quanto a sociedade estão em constante movimento, sempre se construindo e reconstruindo, o que foi fortalecido pelas reflexões trazidas pela *Pedagogia das Encruzilhadas* de Ruffino. Com isso, compreendemos como o que foi trabalhado ao longo do artigo dialoga diretamente com uma proposta de educação que valoriza o encontro, a diversidade e o reconhecimento do outro como parte essencial do processo de aprendizagem.



Desse modo, podemos concluir que a perspectiva apresentada e estudada ao longo desta pesquisa contribui não apenas para o combate ao apagamento das heranças afro-brasileiras, mas também para a construção de uma educação brasileira comprometida com a justiça, a diversidade e a vida em movimento.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Sobre os candomblés como modo de vida: imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. **Ensaios Filosóficos**, v. XIII, 2016.

PARIZI, Vicente Galvão. O livro dos Orixás: África e Brasil. Porto Alegre: **Editora Fi**, 2020.

PORTUGAL, Agnaldo Cuoco; CARVALHO, Jairo Dias. FILOSOFIA DA RELIGIÃO E CANDOMBLÉ: QUESTÕES E OPORTUNIDADES. **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 181–200, 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/6694>. Acesso em: 27 out. 2025.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: **Mórula Editorial**, 2019.

